

ENSINO PARA O EMPREENDEDORISMO: FATORES QUE INFLUENCIAM NAS INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS ESTUDANTES DE CURSOS PROFISSIONALIZANTES

SIMONE COSTA DA SILVA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS (IFAM)

MARIA JOSE AGUILAR MADEIRA

NECE-UBI RESEARCH CENTRE AND UNIVERSITY OF BEIRA INTERIOR

Agradecimento à órgão de fomento:

Este trabalho contou com o apoio da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. pela referência do projeto UIDB/04630/2020 e identificador DOI 10.54499/UIDB/04630/2020.

ENSINO PARA O EMPREENDEDORISMO: FATORES QUE INFLUENCIAM NAS INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS ESTUDANTES DE CURSOS PROFISSIONALIZANTES

RESUMO:

O empreendedorismo pode ser visto como um dos processos de identificar oportunidades de negócios, desenvolver ideias inovadoras e criar novos empreendimentos. Poderá também contribuir de inúmeras formas para o desenvolvimento de um país, pois além de gerar empregos, o empreendedorismo tende a ajudar a contribuir para o desenvolvimento de novas tecnologias, produtos e/ou serviços agregando valor para o mercado de consumo. Atendendo aos aspectos apontados e aos desafios dos investigadores deste campo de atuação e devido a poucos estudos direcionados a este grupo específico de estudantes, a presente pesquisa tem por objetivo, analisar se os estudantes de cursos profissionalizantes, quando expostos a atividades de ensino ligadas ao empreendedorismo, são influenciados a empreender. Além disso, o estudo discute a associação entre o ensino para o empreendedorismo e a sua influência na intenção empreendedora de estudantes.

Na Fundamentação teórica, foram abordados a definição de Empreendedorismo e Características Empreendedoras, em seguida, Intenção Empreendedora e A Teoria do Comportamento Planejado, e por fim, Ensino para o Empreendedorismo (EE). O método utilizado foi análise estatística que envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respectivos desvios-padrão) e estatística inferencial. Para testar empiricamente as hipóteses formuladas, foram aplicados os dados obtidos com recurso a 321 questionários, aplicados a estudantes de curso profissionalizante em uma instituição de ensino técnico profissionalizante no interior do Amazonas – Brasil. Os resultados obtidos mostram que a atividades de ensino para o empreendedorismo influenciam positivamente na intenção empreendedora futura de estudantes de curso profissionalizante. Verificou-se que os estudantes de curso profissionalizante têm pretensão em desenvolver seu próprio negócio ao final do seu curso. Concluiu-se que o ensino para o empreendedorismo influencia positivamente na intenção empreendedora de estudantes de cursos profissionalizantes, e que fatores como ter desenvolvido atividades ligadas ao empreendedorismo, conhecer empreendedores e experiência profissional podem ser determinantes na escolha de criar seu próprio negócio no futuro. A amostra foi constituída por estudantes de diferentes áreas profissionalizantes, modalidade integrada e subsequente, onde se destacaram no estudo os cursos de Administração e Informática. A escolha do tema do estudo faz-se pela sua relevância, pois os cursos profissionalizantes há muitas décadas são ofertados no país, e muito tem contribuído para uma sociedade mais empreendedora e inclusiva, vai além de apenas ensinar sobre negócios, pois os estudantes tem oportunidade de aprender a teoria e exercitar a prática, podendo ser uma filosofia que visa cultivar a mentalidade empreendedora desde cedo, e é fundamental que as instituições de ensino profissionalizante promovam uma cultura empreendedora para otimizar a geração de novos negócios após a conclusão do curso.

Palavras-chave

Ensino para o Empreendedorismo; Intenção Empreendedora; Empreendedorismo.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo está se tornando um fenômeno mundial devido ao seu contributo positivo para o desenvolvimento econômico global. Em países industrializados, o empreendedorismo é visto como uma forma de promover inovação e desenvolvimento tecnológico, aumentar a capacidade competitiva e criar empregos (Guerrero *et al.*, 2006). Os atuais desafios globais de apoiar a economia e reduzir o desemprego podem ser resolvidos capacitando pessoas a se tornarem empreendedores e, portanto, o ensino e o treinamento em empreendedorismo devem ser oferecidos a partir de jovem. (Wibowo *et al.*, 2019).

Há um consenso entre estudiosos no qual se tornar empreendedor é algo que pode ser alcançado através de experiências diretas, ou seja, aprender fazendo ou observação direta (Lackeus, 2013). A visão popular de que os empreendedores “nascem, não são feitos” foi adotada por um longo período, porém tem sido gradualmente substituída pela ideia de que os empreendedores “são desenvolvidos ao longo da vida” para que todos tenham o potencial de se tornar um empreendedor. Neste contexto, é importante que os países compreendam a importância do ensino para o empreendedorismo (EE), e possam encontrar ferramentas e métodos para promovê-lo e apoiá-lo (Nguyen *et al.*, 2021).

Ahmad *et al.* (2020) acrescentam que aprender a empreender na prática pode preencher a lacuna entre a instrução tradicional em sala de aula e o desenvolvimento de produtos e serviços orientados por ideias.

A investigação de Saegebrecht *et al.* (2019), apontou que existem poucos estudos sobre EE direcionados para cursos profissionalizantes. Os cursos profissionalizantes oferecem qualificação rápida e específica para as demandas do mercado, aumentando a empregabilidade e facilitando a inserção profissional. Eles permitem que os indivíduos adquiram habilidades práticas e técnicas, possibilitando, inclusive, a criação de seu próprio negócio. A maioria dos estudos de empreendedorismo examina estudantes universitários (Xu *et al.*, 2016).

Sendo assim, o EE tem sido reconhecido como essencial no desenvolvimento de habilidades para criar empregos e melhorar os padrões de vida, sendo visto como uma solução crítica para o desemprego e a exclusão social dos jovens (Jabeen *et al.*, 2017). Atendendo aos aspectos apontados e aos desafios dos investigadores deste campo de atuação e devido a poucos estudos direcionados ao grupo específico de estudantes, o objetivo principal deste trabalho consiste em analisar se os estudantes de cursos profissionalizantes, quando expostos a atividades de ensino ligadas ao empreendedorismo, são influenciados a empreender.

Esta pesquisa analisou o impacto das atividades de ensino ligadas ao empreendedorismo com foco em estudantes de uma instituição de ensino técnico profissionalizante, a fim de responder as seguintes questões:

- *A atividade de ensino para o empreendedorismo influencia na intenção empreendedora futura dos estudantes de curso profissionalizante?*
- *Os estudantes de curso profissionalizante têm pretensão em desenvolver seu próprio negócio ao final de seu curso?*

Para responder a estas questões, foi realizada uma análise teórica, seguida da aplicação de questionário tendo sido recolhidos dados de 321 questionários e, posterior, foi efetuada a análise para identificar como o ensino para o empreendedorismo influencia os estudantes do curso profissionalizante.

A partir deste ponto, o artigo está dividido em cinco seções: primeiramente, é apresentado o enquadramento teórico sobre os principais conceitos, definições e relevância do tema. Em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica com as atuais

abordagens de referência. A terceira seção apresenta a metodologia fundamental para desenvolver o estudo empírico, com a descrição do instrumento de recolha utilizado. Na quarta seção, efetua-se a análise e a discussão dos resultados obtidos do modelo utilizado. Na quinta seção, estão as principais conclusões obtidas na pesquisa, bem como as limitações do estudo e orientações para futuras pesquisas nesta temática.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo e Características Empreendedoras

O empreendedorismo não se define com uma única definição e, embora não exista um consenso em torno de uma definição precisa, há um amplo entendimento sobre sua importância como impulsionador do aumento da produtividade, rendimento e emprego de um país (Lesh, 2018). A Comissão das Comunidades Europeias define o empreendedorismo como “a mentalidade e o processo para criar e desenvolver atividade econômica, combinando a assunção de riscos, criatividade e/ou inovação com boa gestão, dentro de uma organização nova ou já existente” (Commission of the European Communities, 2003, p. 6).

O empreendedorismo combina um iniciador (um indivíduo que tem uma ideia de negócio) e um local de organização para o lançamento e desenvolvimento do negócio (Roundy *et al.*, 2018). Valenciano *et al.* (2019) defendem que o empreendedorismo está ligado à iniciativa de pessoas que tenham um espírito empreendedor e que possuam a capacidade de inovar.

Rosado-Cubero *et al.* (2022), destaca outro conjunto de atributos que são em maior ou menor grau comumente associados a um perfil empreendedor, embora essas características, treinadas ou desenvolvidas, também estejam presentes em não empreendedores, que impactam no nível de sucesso do empreendimento. Para os autores mencionados, os empreendedores têm um comportamento eficaz associado a quatro características fundamentais: uma boa educação, um ambiente familiar particular, um *cluster* de criatividade, iniciativa, gestão de risco e eficiência e mente aberta.

Baron & Shane (2007) referem que o comportamento empreendedor pode ser expresso através da criação de novos empreendimentos, lançamento de novos projetos em uma organização existente, realização de eventos familiares ou de qualquer outra maneira que exija uma certa forma de pensar e viver (Nabi *et al.*, 2010, 2017).

As definições sobre empreendedorismo e características empreendedoras são bastante amplas. O desenvolvimento de competências empreendedoras continua sendo crucial, pois permite que os empreendedores se destaquem no mercado altamente competitivo (Tu & Akhter, 2023).

2.2 Intenção Empreendedora e a Teoria do Comportamento Planejado

Existem variadas definições sobre intenção empreendedora (IE). Syed *et al.* (2020) definem a intenção empreendedora como a preferência de um indivíduo pelo empreendedorismo como uma escolha de carreira. Zemlyak *et al.* (2022) defendem que a IE pode ser usada para tentar prever se um indivíduo pretende iniciar um novo negócio ou não. Essa pretensão ajuda a entender por que as pessoas tomam certas decisões e como tomam essas decisões.

Para Thompson (2009), a IE é definida como o reconhecimento pela própria pessoa de que pretende montar um novo negócio e planeja conscientemente fazê-lo no futuro. A intenção pode ajudar a explicar por que uma pessoa planeja abrir um negócio

antes de identificar esta oportunidade (Krueger et al., 2000). Os indivíduos que conseguem reconhecer uma oportunidade de negócio são mais propensos a manter um nível mais alto de intenção de empreender (Hassan et al., 2020).

Estudos mobilizaram a Teoria do Comportamento Planejado (TPB) para prever a IE de uma pessoa (Lortie & Castogiovanni, 2015; Al-Qahtani et al., 2022). Proposta por Icek Ajzen (1991), a TPB é uma teoria baseada no princípio de que a intenção de um indivíduo prevê seu comportamento futuro. Adicionalmente, a intenção reflete os esforços no plano individual para realizar esse comportamento (Entrialgo & Iglesias, 2016), dependendo de três determinações: as atitudes comportamentais, as normas subjetivas e o controle comportamental percebido. As atitudes referem-se às avaliações que as pessoas fazem sobre as prováveis consequências de suas ações. Elas são baseadas nas crenças de como uma pessoa se engaja em um determinado comportamento, e se este comportamento afetará nos resultados esperados. As normas subjetivas referem-se à pressão social recebida para se engajar em um determinado comportamento, e são baseadas na crença de que os pares, como a família e a comunidade, esperam que uma pessoa se envolva em um determinado comportamento (Ajzen, 1991). Por sua vez, o controle comportamental percebido é definido como a consciência de um indivíduo sobre se uma função específica será fácil ou difícil de executar (Ajzen, 1988), ou seja, é a facilidade ou dificuldade de realizar o comportamento (Ajzen, 1988, 1991; Garcia et al., 2015; Powers et al., 2020; Agu et al., 2021; Padilla-Ângulo et al., 2021).

Sušanj et. al. (2015) conduziram um estudo com vários grupos de estudantes da área de negócios e de outras áreas acadêmicas em universidades croatas. Os resultados apontaram que os indivíduos que estiveram matriculados em aulas de empreendedorismo apresentaram maiores IE em comparação aos estudantes que não o estudaram. Oo et al. (2019) acrescentam que a IE também está relacionada a características empreendedoras como otimismo e extroversão, que podem explicar por que os empreendedores tendem a ser mais felizes do que os não empreendedores.

Doanh et al. (2021) confirmaram o papel de reconhecimento de oportunidade para promover a intenção empreendedora dos estudantes. Mais recentemente, Tian et al. (2022) descobriram que o reconhecimento de oportunidades de negócios, experiência anterior em negócios e o ensino para o empreendedorismo influencia positiva e significativamente as intenções empreendedoras. Remeikiene et al. (2013) destacam que a IE é um elemento-chave do empreendedorismo, pois faz parte do processo pelo qual novos empreendimentos são criados.

As descobertas desses estudos têm demonstrado a pertinência da TPB para o campo do empreendedorismo. Munir et al. (2019) afirmaram que a TPB serve como uma orientação valiosa na compreensão dos estudantes. Corroborando com pesquisas anteriores, Boubker et al. (2021) defendem que o estudo das determinantes da IE em estudantes tem despertado o interesse de diversos investigadores em vários países.

Em contraposição, apesar de estudos analisarem de forma significativa o impacto do ensino na atividade empreendedora e a maioria apontar que o EE melhora as atitudes, intenções, habilidades ou conhecimento do empreendedorismo (Jena, 2020; Mukhtar et al., 2021), existem visões divergentes, com evidências de que alguns programas educacionais não conseguiram promover o empreendedorismo nos estudantes (Oosterbeek et al., 2010).

2.3 Ensino Para o Empreendedorismo (EE)

O ensino para o empreendedorismo (EE) tem atraído atenção considerável de investigadores de empreendedorismo em todo o planeta (Zhang et al. 2022).

O EE é definido como:

o processo de proporcionar aos indivíduos a capacidade de reconhecer oportunidades, ter perspicácia, autoestima, conhecimento e habilidade. Inclui mobilizar recursos em face de iniciar um empreendimento. Também abrange instrução em disciplinas tradicionais de negócios, como administração, marketing, sistemas de informação e finanças. (Jones & English, 2004, p. 416).

Embora não exista uma única forma de definir o EE, pois há muitas maneiras de conceituá-la (San-Martín et al., 2020). Welsh et al. (2016) apontaram que envolve ensinar como aplicar flexibilidade, adaptabilidade e resiliência para se adaptar e responder às demandas do mercado de trabalho ao longo do tempo. O EE também contribui ao proporcionar aos estudantes a chance de gerir e equilibrar adequadamente suas emoções e percepções em relação às suas iniciativas empreendedoras (Bayar et al., 2022). Stenholm et al. (2021) defendem que a EE exerce uma tarefa em melhorar as competências empreendedoras.

Para Frese et al. (2014), a preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho futuro começa, portanto, na escola. Ter uma forte identidade empreendedora na idade adulta significa que um indivíduo é mais propenso a se envolver em comportamento empreendedor em vários contextos de vida (Jefremovs & Kozlinska, 2021). Refletindo as tendências atuais da sociedade, as políticas e iniciativas educacionais visam cada vez mais integrar elementos de EE em todos os níveis de ensino, incluindo jardins de infância e escolas secundárias, para promover o desenvolvimento de tais características (EU, 2006 ; Kuratko, 2005 ; Seikkula- Leino, 2011). A ideia é que as sementes da formação da identidade empreendedora sejam plantadas na juventude e na adolescência para desabrochar mais tarde, na idade adulta (Erikson, 1968).

Segundo Laforet (2013), uma escola profissionalizante cumpre a sua missão educacional no âmbito da formação profissional. Sua missão é permitir que os estudantes adquiram determinadas competências profissionais, prestando especial atenção às exigências do mercado de trabalho. Mais especificamente, quando o corpo docente das escolas profissionalizantes é inovador e criativo, é mais provável que aumente o nível de competências empreendedoras dos estudantes (Machali et al., 2021; San-Martín et al., 2022).

O EE cresceu como uma área de prática e de investigação devido ao seu papel fundamental na melhoria do bem-estar econômico da economia global. No entanto, apesar de sua crescente popularidade, pouco se sabe sobre sua natureza e capacidade de transformar a sociedade (Ratten & Usmanij, 2021). Isso pode ser amplamente atribuído à dinâmica única do EE. Os processos de aprendizagem no EE devem se concentrar mais na experiência e ação do mundo real que, por sua vez, melhorariam o desempenho empreendedor dos estudantes (Kassean *et al.*, 2015). Portanto, fomentar o empreendedorismo estudantil requer capacidade institucional para desenvolver colaborações externas e também, desenvolver relações fortes com vários *stakeholders* da instituição (Matt & Schaeffer, 2018).

3. Metodologia

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respectivos desvios-padrão) e inferência estatística que apresenta os principais aspetos desta investigação.

O questionário foi aplicado a estudantes de cursos técnicos e profissionalizantes em Instituição de Ensino situada no interior do Amazonas - Brasil. Na referida instituição, são ofertadas 5 áreas dos cursos profissionalizantes, em três modalidades de ensino. A modalidade integrada refere-se a estudantes que estudam o ensino médio e profissionalizante concomitante. A modalidade subsequente refere-se a estudantes que concluíram o ensino médio e só estudam o ensino profissionalizante. Já a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) refere-se a estudantes que estão no ensino médio e o profissionalizante concomitante, entretanto são estudantes a partir de 18 anos de idade. Os questionários foram aplicados na modalidade integrada e a modalidade subsequente.

O questionário foi conduzido sob a forma de perguntas e acordos para tornar-se de fácil utilização. A escolha da resposta está disposta em cinco escalas de *Likert* (5-Concordo totalmente; 4-Concordo; 3-Não concordo e nem discordo; 2-Discordo; 1-Discordo totalmente). O questionário foi aplicado de forma presencial e no formato físico, uma vez que o modo de envio por e-mail tornou-se inviável face na cidade que foi objeto da amostra, não dispor de uma internet de qualidade, e a população de modo geral não dispõe de seu acesso.

Para a coleta de dados, é fundamental entender a população-alvo e a amostra desejada (Chienwattanasook & Jernsittiparsert, 2019). Desta população, obteve-se uma amostra de 321 estudantes, referente a 14 turmas, que responderam ao questionário entre outubro de 2022 e dezembro de 2022. A taxa de resposta foi de 40,3% em relação ao total da população.

3.1 Hipóteses de Investigação

Formulou-se um conjunto de hipóteses de investigação a que se pretende dar resposta. Como forma de avaliar as intenções empreendedoras dos estudantes, consideraram-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Os estudantes que participam de atividades extracurriculares têm maior propensão para criar o seu próprio negócio.

Hipótese 2: Os estudantes que conhecem empreendedores têm maior propensão para criar o seu próprio negócio.

Hipótese 3: Os estudantes que têm experiência de trabalho anterior têm maior propensão para criar o seu próprio negócio.

Hipótese 4: Os estudantes que têm interesse em frequentar o ensino universitário têm maior propensão para criar o seu próprio negócio.

3.2 Método Utilizado

Esta pesquisa adotou a análise estatística que envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. Utilizou-se o coeficiente de correlação de *Spearman* e o teste t de *Student* para amostras emparelhadas. A normalidade de distribuição foi analisada com o teste de *Shapiro-Wilk* e a homogeneidade de variâncias com o teste de *Levene*. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $\alpha \leq 0,05$.

4. Análise de dados e Discussão de Resultados

Esta seção apresenta a análise estatística efetuada com o *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)* versão 28 para Windows. A partir dos resultados obtidos, foi analisada a problemática da pesquisa de forma a avaliar se as hipóteses formuladas são válidas e sustentadas na literatura.

4.1 Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por 321 respostas de estudantes. A média de idade foi de 18,8 anos, variando entre um mínimo de 14 e um máximo de 41 anos. A maioria era do gênero feminino (52%).

No que diz respeito à distribuição dos estudantes em diferentes cursos técnicos, incluindo as duas modalidades de ensino, pode-se observar que há uma predominância do curso de Administração (42,1%), seguido pelos cursos de Informática (29,3%), Agropecuária (18,7%) e Secretaria Escolar (10,0%). Verifica-se que 35,6% dos estudantes frequentam o 1º ano de escolaridade, 35,2% frequentam o 3º ano de escolaridade e 29,2% o 2º ano de escolaridade, no que tange ao ensino modalidade integrada, conforme representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização da amostra (N = 321)

	N	%
Idade (M; DP)	18,8	5,0
Gênero		
Masculino	154	48,0
Feminino	167	52,0
Escolaridade		
1º ano	83	35,6
2º ano	68	29,2
3º ano	82	35,2
Curso		
Administração	135	42,1
Agropecuária	60	18,7
Informática	94	29,3
Secretaria Escolar	32	10,0
Turma/Ano		
Administração (integrado)	100	31,2
Administração subsequente turma 2021	15	4,7
Administração subsequente turma 2022	20	6,2
Agropecuária (integrado)	60	18,7
Informática (integrado)	73	22,7
Informática subsequente turma 2022	20	6,2
Secretaria Escolar subsequente turma 2021	13	4,0
Secretaria Escolar subsequente turma 2022	20	6,2

4.2 Resultados

No que diz respeito à relação de parentesco entre os estudantes e empreendedores, verifica-se que pouco mais de metade dos 321 dos estudantes (51,4%) questionados, dos cursos profissionalizantes, conhecem alguém que criou uma empresa ou o próprio

emprego. Dos estudantes que conhecem empreendedores, 40,1% os identifica como tendo uma relação de amizade, enquanto 33,1% indicam se tratar de outra pessoa conhecida.

Tabela 2 – Antecedentes familiares profissionais/relação de parentesco com empreendedores

Conhece alguém que criou a própria empresa/emprego	N	%
Sim	165	51,4
Não	156	48,6
Total	321	100,0
Que ligação de parentesco tem com esta pessoa?	N	%
Pai/Mãe	28	16,3
Avô/Avó	11	6,4
Irmão/Irmã	7	4,1
Amigo	69	40,1
Outra	57	33,1
Total	172	100,0

Quando questionados se já haviam trabalhado, a maioria dos estudantes afirmou não ter trabalhado, entretanto, uma percentagem elevada confirma haver trabalhado (49,2%). Em relação ao regime de trabalho executado, 38% tinham trabalhado durante as férias e 28,3% em regime de meio período (*part-time*). No que tange à pretensão em frequentar uma universidade, 95,4% dos estudantes levantaram este interesse na continuidade do estudo em curso superior (Tabela 3).

Tabela 3 – Se já trabalhou alguma vez/ Em que regime de trabalho

Já trabalhou alguma vez?	N	%
Sim	158	49,2
Não	163	50,8
Total	321	100,0
Se respondeu sim, em que regime trabalhou?	N	%
Apenas férias	60	37,7
Part-time	45	28,3
Full-time	41	25,8
Outro	13	8,2
Total	159	100,0
Tem interesse em frequentar a universidade?	N	%
Sim	307	95,6
Não	14	4,4
Total	321	100,0

A Tabela 4 apresenta as respostas dos estudantes às questões relacionadas com a importância da criação do próprio emprego e de um novo negócio. Em cinza-claro, estão evidenciadas as respostas mais frequentes (Moda). As questões que geraram índices de concordância mais elevadas foram “Gostaria de criar algo novo?” (80,9%) e “Gostaria de gerir uma empresa?” (75%). Independente da área técnica que frequentam, os estudantes demonstraram elevado interesse na criação de seu emprego ou novo negócio.

Tabela 4 – Importância da criação do próprio emprego e a criação de um novo negócio

		1	2	3	4	5
Estou a pensar em criar o meu próprio emprego	N	3	18	78	152	70
	%	0,9%	5,6%	24,3%	47,4%	21,8%
Nunca procuro oportunidades para criar um novo negócio	N	45	141	70	51	14
	%	14,0%	43,9%	21,8%	15,9%	4,4%
Está a pensar em poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial	N	5	42	62	150	62
	%	1,6%	13,1%	19,3%	46,7%	19,3%
Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial	N	27	139	85	61	9
	%	8,4%	43,3%	26,5%	19,0%	2,8%
Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial	N	13	51	70	138	49
	%	4,0%	15,9%	21,8%	43,0%	15,3%
Não tem imaginação para novos produtos	N	29	128	79	69	16
	%	9,0%	39,9%	24,6%	21,5%	5,0%
Tem facilidade em identificar necessidades de novos produtos	N	4	49	79	145	44
	%	1,2%	15,3%	24,6%	45,2%	13,7%
Gostaria de gerir uma empresa	N	3	16	61	150	91
	%	0,9%	5,0%	19,0%	46,7%	28,3%
Gostaria de criar algo novo	N	3	16	42	169	91
	%	0,9%	5,0%	13,1%	52,6%	28,3%
Tem intenção de criar novo projeto empresarial no futuro	N	5	23	75	137	80
	%	1,6%	7,2%	23,4%	42,8%	25,0%

Legenda: 1 - Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – NCND; 4 – Concordo; 5 - Concordo totalmente.

De acordo com a amostra analisada, foi constatado que a média da intenção empreendedora foi de 3,78, o que permite afirmar que é relativamente elevada, pois é significativamente superior ao ponto médio de avaliação da escala (3), $t(319) = 18,861$, $p < 0,001$ (Tabela 5).

Tabela 5 – Intenção empreendedora

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Intenção Empreendedora	1,00	5,00	3,78	0,74

Com relação à participação dos estudantes em atividades extracurriculares, apenas uma pequena parcela dos alunos (21,3%) confirmaram participação. A percentagem dos estudantes que já tinham participado em atividades ligadas ao tema do empreendedorismo eleva-se a 46,3% (Tabela 6).

Tabela 6 – Participa de alguma atividade extracurricular e já participou de alguma atividade ligada ao empreendedorismo

Alguma atividade extracurricular	N	%
Sim	68	21,3
Não	252	78,8
Total	320	100,0

Atividade ligada ao Empreendedorismo	N	%
Sim	148	46,3
Não	172	53,8
Total	320	100,0

4.3 Discussão dos Resultados

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar se os estudantes de cursos profissionalizantes, quando expostos a atividades de ensino ligadas ao empreendedorismo, são influenciados a empreender.

As evidências desta investigação apontam que a atitude de ensino para o empreendedorismo influencia positivamente na intenção empreendedora de estudantes de curso profissionalizante, o que reforça a relevância do papel da escola como agente de transformação. Liu et al. (2019) reconheceram que o EE implica a transmissão de conhecimentos e habilidades para o empreendedorismo dentro das instituições de ensino. Isso ajuda os estudantes na capacidade de desenvolver seus negócios, identificar oportunidades em seu ambiente, desenvolver estratégias eficazes de ação e superar barreiras para atingir o sucesso (Khalid et al., 2021).

Corroborando com os investigadores, Frese et al. (2014), concordam amplamente que os arranjos de trabalho fora das relações de trabalho padrão estão se tornando cada vez mais difundidos, exigindo que um número crescente de pessoas sejam capazes de se envolver efetivamente em comportamentos associados ao empreendedorismo, e que os esforços das instituições de ensino para preparar os estudantes adequadamente devem começar já na infância e no início da adolescência.

Este estudo também constatou que os estudantes de curso profissionalizante têm pretensão em desenvolver seu próprio negócio ao final do curso, o que ficou evidenciado de forma positiva através dos resultados, enfatizando a importância do ensino para o empreendedorismo nas escolas. Há um consenso entre os estudiosos de que o empreendedorismo é alcançado através de experiências diretas, ou seja, aprender fazendo ou observação direta (Lackeus, 2013), e que o EE tem sido amplamente reconhecido por ter um papel importante e impacto positivo no lançamento de novos empreendimentos (Ghina et al., 2017).

O ensino para o empreendedorismo refere-se a programas de educação que visam fornecer aos estudantes conhecimentos e habilidades essenciais para estabelecer um negócio (Otache et al., 2022). Este resultado está em consonância com a Teoria do Comportamento Planejado de Azjen (1991), considerando que, para se entender porque alguém escolhe abrir um negócio, é necessário entender as intenções de negócios e os fatores que as influenciam.

Este trabalho investigou quatro hipóteses propostas utilizando-se estatística descritiva e inferencial. Ressalta-se que esta análise suporta três das quatro hipóteses propostas.

A primeira hipótese (H1) foi suportada: Os estudantes que participam de atividades extracurriculares têm maior propensão para criar o seu próprio negócio. Os estudantes que participam de atividades extracurriculares têm maior propensão para criar o seu próprio negócio (4,08 vs 3,69) em comparação aos que não participam, sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(317) = 3,856, p < 0,001$. Portanto, confirma-se a hipótese enunciada. A literatura sobre empreendedorismo tem destacado que o ensino para o empreendedorismo desenvolve um papel central na formação de atitudes e intenções de empreendedorismo dos estudantes (Hassan et al., 2020; Jena, 2020).

A segunda hipótese (H2) foi suportada: Os estudantes que conhecem empreendedores têm maior propensão para criar o seu próprio negócio. Os estudantes que conhecem empreendedores têm maior propensão para criar o seu próprio negócio (3,95 vs 3,60) em comparação aos que não conhecem, sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(318) = 4,398, p < 0,001$. Portanto, confirma-se a hipótese enunciada. Este resultado é consistente com os estudos de Ajzen (1991) e Phamn et al. (2023), que defendem que grupos de referência, como a família, amigos e outras pessoas importantes, influenciam nas intenções empreendedoras dos estudantes.

A terceira hipótese (H3) foi suportada: Os estudantes que têm experiência de trabalho anterior têm maior propensão para criar o seu próprio negócio. Os estudantes que têm experiência de trabalho anterior têm maior propensão para criar o seu próprio negócio (3,88 vs 3,68) em comparação aos que não têm, sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(318) = 2,406, p = 0,017$. Portanto, confirma-se a hipótese enunciada. Segundo Ahmad et al. (2020), estudantes sem experiência de trabalho geralmente não possuem os processos de pensamento críticos necessários para se tornarem empreendedores de sucesso. O achado corrobora com o estudo de Stenholm et al. (2021), que defendem a importância do ensino para o empreendedorismo para enfatizar o papel dos ambientes, contextos e escolhas pedagógicas de aprendizagem no desenvolvimento das competências empreendedoras dos estudantes. Tu & Akhter (2023) acrescentam que o uso da tecnologia precisa ser incentivado tanto como recurso do professor quanto das instituições, pois significa qualidade de ensino.

A quarta hipótese (H4) não foi suportada: Os estudantes que têm interesse em frequentar o ensino universitário têm maior propensão para criar o seu próprio negócio. Os estudantes que têm interesse em frequentar o ensino universitário têm maior propensão para criar o seu próprio negócio (3,78 vs 3,76) em comparação aos que não têm, não sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(318) = 0,105, p = 0,916$. Portanto, não se confirma a hipótese enunciada. Este resultado corrobora com o estudo de Duval-Couetil & Long (2014), que concluem que, embora o desenvolvimento econômico seja a premissa para a criação de muitos programas de empreendedorismo, os objetivos de carreira de estudantes de graduação em empreendedorismo ilustram que poucos pretendem seguir o empreendedorismo imediatamente após a graduação.

De acordo com os resultados obtidos, pode-se concluir que as hipóteses H1, H2 e H3 confirmam-se empiricamente. Por outro lado, não se conseguiu evidenciar que os estudantes que têm interesse em frequentar o ensino universitário, têm maior propensão para criar o seu próprio negócio, formulado na H4.

Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação

O objetivo deste estudo consistiu em analisar se os estudantes de curso profissionalizante, em uma instituição de cursos técnicos e profissionalizantes de uma cidade no interior do Amazonas, quando expostos a atividades de ensino ligadas ao empreendedorismo, são influenciados a empreender. A amostra foi constituída por estudantes de diferentes áreas profissionalizantes, modalidade integrada e subsequente, onde se destacaram no estudo os cursos de Administração e Informática. Este estudo comprova empírica e teoricamente que o ensino para o empreendedorismo tem grande relevância para influenciar na intenção empreendedora dos estudantes de curso profissionalizante.

A pesquisa também evidenciou que estudantes que conhecem empreendedores tem uma maior propensão em criar seu próprio negócio, este é um dado bastante relevante pois as instituições de ensino, em especial de cursos profissionalizantes, podem convidar

empreendedores de sucesso das suas regiões para palestrar para os estudantes, um estratégia que pode fazer com que o estudante sinta empatia e identificação, especialmente com os casos de resiliência.

Outro aspecto interessante é que estudantes que trabalham ou já trabalharam também são mais propensos a empreender, a experiência ou contato com o mundo do trabalho, clientes e suas necessidades, gargalos nos produtos ou serviços, podem alertá-los de oportunidades no mercado.

A escolha do tema do estudo faz-se pela sua relevância, pois os cursos profissionalizantes há muitas décadas são ofertados no país, e muito tem contribuído para uma sociedade mais empreendedora e inclusiva, vai além de apenas ensinar sobre negócios, pois os estudantes tem oportunidade de aprender a teoria e exercitar a prática, podendo ser uma filosofia que visa cultivar a mentalidade empreendedora desde cedo. Possibilita capacitá-los a pensar de forma criativa, resolver problemas, tomar iniciativa e, fundamentalmente, aproveitar as oportunidades. Trazer o ensino para o empreendedorismo para dentro das instituições de cursos profissionalizantes pode transformar e despertar atitudes empreendedoras nos jovens, assim como, prepará-los para o futuro no mercado de trabalho com boas ideias que possam mudar a sua realidade e melhorar o mundo.

Com relação as limitações, a primeira está relacionada ao tamanho da amostra, limitou-se apenas do ensino profissionalizando do Amazonas. Portanto, recomenda-se que estudos futuros optem por maior tamanho da amostra, incluindo outras instituições de ensino profissionalizantes em outras regiões do país. A segunda limitação está em não ter sido aprofundado a relação ao gênero e idade dos estudantes inquiridos, a fim de analisar supostas discrepâncias das intenções empreendedoras entre estes dois grupos e suas causas. Por fim, apesar da vasta literatura que trata do ensino para o empreendedorismo, ainda estão disponíveis poucos estudos direcionados à intenção empreendedora de estudantes de curso profissionalizante.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. pela referência do projeto UIDB/04630/2020 e identificador DOI 10.54499/UIDB/04630/2020.

Bibliografia

- Agu, A. G., Kalu, O. O., Esi-Ubani, C. O., & Agu, P. C. (2021). Drivers of sustainable entrepreneurial intentions among university students: an integrated model from a developing world context. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 22(3) 659–80. <https://doi.org/10.1108/IJSHE-07-2020-0277>
- Ahmad, A. M., Hussain, K., Ekiz, E., & Tang, T. (2020). Work-based learning: an approach towards entrepreneurial advancement. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 12(2) 127–135. <https://doi.org/10.1108/WHATT-12-2019-0076>
- Ahmed, T., Chandran, V. G. R., Klobas, J. E., Liñán, F., & Kokkalis, P. (2020). Entrepreneurship education programmes: How learning, inspiration and resources affect intentions for new venture creation in a developing economy. *The International Journal of Management Education*, 18(1) 100327. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2019.100327>
- Ajzen, I. (1988). *Attitudes, personality, and behavior*, Dorsey, Chicago.

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2) 179-211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Al-Qahtani, M., Fekih Zguir, M., Al-Fagih, L., & Koç, M. (2022). Women entrepreneurship for sustainability: Investigations on status, challenges, drivers, and potentials in Qatar. *Sustainability*, 14(7) 4091. <https://doi.org/10.3390/su14074091>
- Baron, R. A., & Shane, S. (2007). Entrepreneurship: A process perspective. *The psychology of entrepreneurship*, 19–39.
- Bayar, Y., Sart, G., Gavriletea, M. D., & Coroş, M. M. (2022). The impact of entrepreneurial education and educational attainment on entrepreneurial activity: evidence from selected high-income economies. *Journal of Business Economics and Management*, 23(6) 1257–1279. <https://doi.org/10.3846/jbem.2022.17840>
- Boubker, O., Arroud, M., & Ouajdouni, A. (2021). Entrepreneurship education versus management students' entrepreneurial intentions. A PLS-SEM approach. *The International Journal of Management Education*, 19(1) 100450. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100450>
- Chienwattanasook, K., & Jermstittiparsert, K. (2019). Chienwattanasook, K., & Jermstittiparsert, K. (2019). Impact of entrepreneur education on entrepreneurial self-employment: a study from Thailand. *Polish Journal of Management Studies*, 19. <https://doi.org/10.17512/pjms.2019.19.1.08>
- Commission of the European Communities (2003), Green Paper: Entrepreneurship in Europe, Commission of the European Communities, Brussels.
- Doanh, D. C., Thang, H. N., Nga, N. T. V., Van, P. T., & Hoa, P. T. (2021). Entrepreneurial behaviour: The effects of the fear and anxiety of Covid-19 and business opportunity recognition. *Entrepreneurial Business and Economics Review*, 9(3), 7-23.
- Duval-Couetil, N., & Long, Z. (2014). Career impacts of entrepreneurship education: How and when students intend to utilize entrepreneurship in their professional lives. *Journal of Business and Entrepreneurship*, 26(1) 63–87.
- Entrialgo, M., & Iglesias, V. (2016). The moderating role of entrepreneurship education on the antecedents of entrepreneurial intention. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 12(1) 1209–1232. <https://doi.org/10.1007/s11365-016-0389-4>
- Erikson E (1968) Identity, Youth, and Crisis. New York: Norton.
- EU (2006) Recommendation of the european parliament and the council of 18 december 2006 on key competences for lifelong learning. Official Journal of the European Union 394: 10–18. L/10 of 30.122006
- Frese, M., Rousseau, D. M., & Wiklund, J. (2014). The emergence of evidence-based entrepreneurship. *Entrepreneurship theory and Practice*, 38(2) 209–216. <https://doi.org/10.1111/etap.12094>
- García-Rodríguez, F. J., Gil-Soto, E., Ruiz-Rosa, I., & Sene, P. M. (2015). Entrepreneurial intentions in diverse development contexts: A cross-cultural comparison between Senegal and Spain. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(3), 511–527. <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0291-2>
- Ghina, A., Simatupang, T. M., & Gustomo, A. (2017). The relevancy of graduates' competencies to the effectiveness of entrepreneurship education: a case study at SBM ITB – Indonesia. *Journal of Entrepreneurship Education*, 20(1), 1–24.
- Guerrero, M., Rialp, J., & Urbano, D. (2008). The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: A structural equation model. *International entrepreneurship and management journal*, 4, 35-50.
- Hassan, A., Saleem, I., Anwar, I., & Hussain, S. A. (2020). Entrepreneurial intention of

- Indian university students: the role of opportunity recognition and entrepreneurship education. *Education+ Training*, 62(7/8) 843–61. <https://doi.org/10.1108/ET-02-2020-0033>
- Jabeen, F., Faisal, M. N., & Katsioloudes, M. I. (2017). Entrepreneurial mindset and the role of universities as strategic drivers of entrepreneurship: Evidence from the United Arab Emirates. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24(1) 136–57. <https://doi.org/10.1108/JSBED-07-2016-0117>
- Jefremovs, A., & Kozlinska, I. (2021). Music education in adolescence—A pathway to entrepreneurial identity?. *Industry and Higher Education*, 36(4) 442–55. <https://doi.org/10.1177/09504222211042282>
- Jena, R. K. (2020). Measuring the impact of business management Student's attitude towards entrepreneurship education on entrepreneurial intention: A case study. *Computers in Human Behavior*, 107(1) 106275. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106275>
- Jones, C., & English, J. (2004). A contemporary approach to entrepreneurship education. *Education+ Training*, 46(8/9) 416–423. <https://doi.org/10.1108/00400910410569533>
- Kassean, H., Vanenhoven, J., Liguori, E., & Winkel, DE (2015). Entrepreneurship education: a need for reflection, real-world experience and action. *International journal of Entrepreneurial Behavior & research*.
- Khalid, B., Chaveesuk, S., & Chaiyasoonthorn, W. (2021). Moocs adoption in higher education: A management perspective. *Polish Journal of Management Studies*, 23(1) 239–56. <https://doi.org/10.17512/pjms.2021.23.1.15>
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6) 411–432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship theory and practice*, 29(5), 577-597.
- Lackeus, M. (2013). Developing entrepreneurial competencies: An action-based approach and classification in entrepreneurial education, *Chalmers University of Technology, Gotemburgo*.
- Lackeus, M., Lundqvist, M., & Williams Middleton, K. (2013). How can entrepreneurship bridge between traditional and progressive education?. In *ECSB Entrepreneurship Education Conference; Århus, Denmark; May 29–31*.
- Laforet, S. (2013). Organizational innovation outcomes in SMEs: Effects of age, size, and sector. *Journal of World Business*, 48(4) 490–502. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2012.09.005>
- Lesh, M. (2018), Australia's Entrepreneurship Crisis and Three Ways to Fix it, Parliamentary Research Brief: A Research Note from the Institute of Public Affairs, Institute of Public Affairs, Canberra.
- Liu, X., Lin, C., Zhao, G., & Zhao, D. (2019). Research on the effects of entrepreneurial education and entrepreneurial self-efficacy on college students' entrepreneurial intention. *Frontiers in Psychology*, 10 869. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00869>
- Lortie, J., & Castogiovanni, G. (2015). The theory of planned behavior in entrepreneurship research: what we know and future directions. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(4) 935–57. <https://doi.org/10.1007/s11365-015-0358-3>
- Machali, I., Wibowo, A., Murfi, A., & Narmaditya, B. S. (2021). From teachers to students creativity? the mediating role of entrepreneurial education. *Cogent*

- Education*, 8(1), 1943151. <https://doi.org/10.1080/2331186X.2021.1943151>
- Matt, M., & Schaeffer, V. (2018). Building entrepreneurial ecosystems conducive to student entrepreneurship: new challenges for universities. *Journal of Innovation Economics Management*, (1), 9-32.
- Mukhtar, S., Wardana, L. W., Wibowo, A., & Narmaditya, B. S. (2021). Does entrepreneurship education and culture promote students' entrepreneurial intention? The mediating role of entrepreneurial mindset. *Cogent Education*, 8(1) 1918849. <https://doi.org/10.1080/2331186X.2021.1918849>
- Munir, H., Jianfeng, C., & Ramzan, S. (2019). Personality traits and theory of planned behavior comparison of entrepreneurial intentions between an emerging economy and a developing country. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(3) 554–80. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2018-0336>
- Nabi, G., Holden, R., & Walmsley, A. (2010). From student to entrepreneur: towards a model of graduate entrepreneurial career-making. *Journal of Education and Work*, 23(5), 389-415.
- Nabi, G., Liñán, F., Fayolle, A., Krueger, N., & Walmsley, A. (2017). The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. *Academy of Management Learning & Education*, 16(2) 277-99. <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026>
- Nguyen, T. T., Nguyen, L. T. P., Phan, H. T. T., & Vu, A. T. (2021). Impact of entrepreneurship extracurricular activities and inspiration on entrepreneurial intention: Mediator and moderator effect. *Sage Open*, 11(3), 21582440211032174. <https://doi.org/10.1177/21582440211032174>
- Oo, P. P., Allison, T. H., Sahaym, A., & Juasrikul, S. (2019). User entrepreneurs' multiple identities and crowdfunding performance: Effects through product innovativeness, perceived passion, and need similarity. *Journal of Business Venturing*, 34(5) 105895. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.08.005>
- Oosterbeek, H., Van Praag, M., & Ijsselstein, A. (2010). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. *European economic review*, 54(3), 442-454.
- Otache, I., Edopkolor, J. E., & Kadiri, U. (2022). A serial mediation model of the relationship between entrepreneurial education, orientation, motivation and intentions. *The International Journal of Management Education*, 20(2), 100645. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2022.100645>
- Padilla-Angulo, L., Díaz-Pichardo, R., & Leal-Rodríguez, A. L. (2021). Are different entrepreneurship-promotion activities equally effective? an analysis by academic year and gender. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1-25.
- Phamn, V. H., Nguyen, T. K. C., Nguyen, T. B. L., Tran, T. T. T., & Nguyen, T. V. N. (2023). Subjective norms and entrepreneurial intention: A moderated-serial mediation model. *Journal of Entrepreneurship, Management and Innovation*, 19(1). <https://doi.org/10.7341/20231914>
- Powers, B., Le Loarne-Lemaire, S., Maalaoui, A., & Kraus, S. (2020). “When I get older, I wanna be an entrepreneur”: the impact of disability and dyslexia on entrepreneurial self-efficacy perception. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 27(2) 434–51. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-06-2020-0400>
- Ratten, V., & Usmanij, P. (2021). Entrepreneurship education: Time for a change in research direction?. *The International Journal of Management Education*, 19(1), 100367.
- Remeikiene, R., Startiene, G., & Dumciuviene, D. (2013, June). Explaining entrepreneurial intention of university students: The role of entrepreneurial

- education. In *International conference* (Vol. 299, p. 307).
- Rosado-Cubero, A., Freire-Rubio, T., & Hernández, A. (2022). Entrepreneurship: What matters most. *Journal of Business Research*, *144*, 250-263.
- Roundy, P. T., Bradshaw, M., & Brockman, B. K. (2018). The emergence of entrepreneurial ecosystems: A complex adaptive systems approach. *Journal of business research*, *86*, 1-10.
- Saegebrecht, F., John, C., Schmiedgen, P., & Noennig, J. R. (2019). Experiences and outcomes from a traveling innovation lab experiment. *Measuring Business Excellence*. <https://doi.org/10.1108/MBE-11-2018-0101>
- San-Martín, P., Fernandez-Laviada, A., & Pérez, A. (2020). La importancia de la educación empresarial y su terminología. *Small Business International Review (SBIR)*, *4*(1), 69-87.
- San-Martín, P., Pérez, A., Fernández-Laviada, A., & Palazuelos, E. (2022). The effect of role model teachers on students' entrepreneurial competencies and intentions. *Education+ Training*, *64*(7) 962–80. <https://doi.org/10.1108/ET-03-2021-0118>
- Seikkula-Leino, J. (2011). The implementation of entrepreneurship education through curriculum reform in Finnish comprehensive schools. *Journal of Curriculum Studies*, *43*(1), 69-85.
- Stenholm, P., Ramström, J., Franzén, R., & Nieminen, L. (2021). Unintentional teaching of entrepreneurial competences. *Industry and Higher Education*, *35*(4) 435–41. <https://doi.org/10.1177/09504222211018068>
- Syed, I., Butler, J. C., Smith, R. M., & Cao, X. (2020). From entrepreneurial passion to entrepreneurial intentions: The role of entrepreneurial passion, innovativeness, and curiosity in driving entrepreneurial intentions. *Personality and Individual Differences*, *157*, 109758.
- Sušanj, Z., Jakopc, A., & Miljković Krečar, I. (2015). Verifying the model of predicting entrepreneurial intention among students of business and non-business orientation. *Management: Journal of Contemporary Management Issues*, *20*(2) 49–69.
- Tian, H., Akhtar, S., Qureshi, N. A., & Iqbal, S. (2022). Predictors of entrepreneurial intentions: The role of prior business experience, opportunity recognition, and entrepreneurial education. *Frontiers in Psychology*, *13*, 882159.
- Thompson, E. R. (2009). Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. *Entrepreneurship Theory and Practice*, *33*(3) 669–94. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00321.x>
- Tu, J. J., & Akhter, S. (2023). Exploring the role of entrepreneurial education, technology and teachers' creativity in excelling sustainable business competencies. *Economic Research-Ekonomska Istraživanja*, *36*(1) 2119429. <https://doi.org/10.1080/1331677X.2022.2119429>
- Valenciano, P., J., Uribe-Toril, J., & Ruiz-Real, JL (2019). Entrepreneurship and education in the 21st century: analysis and trends in research. *Journal of Entrepreneurship Education*, *22*(4) 1–20.
- Welsh, D. H., Tullar, W. L., & Nemati, H. (2016). Entrepreneurship education: Process, method, or both?. *Journal of Innovation & Knowledge*, *1*(3) 125–32. <https://doi.org/10.1016/j.jik.2016.01.005>
- Wibowo, A., Dwi, D., Shandy, B., & Raudah, M. (2019). Do entrepreneurial education and training impact on entrepreneurial skills-based ecopreneurship?. *Humanities*, *7*(4) 246–53. <https://doi.org/10.18488/journal.73.2019.74.246.253>
- Xu, X., Ni, H., & Ye, Y. (2016). Factors influencing entrepreneurial intentions of Chinese secondary school students: an empirical study. *Asia Pacific Education Review*, *17*(4) 625–35. <https://doi.org/10.1007/s12564-016-9439-4>